

EXPLORANDO O LABIRINTO EXISTENCIAL: UMA ABORDAGEM DIDÁTICA DO ABSURDO EM CAMUS.

Eixo temático: Ética e política na educação

Samuel Assis Donato Peixoto

Bolsista do PIBID do curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú [UVA]

correio.donato@gmail.com

Antonia Davidá Vasconcelos

Bolsista do PIBID do curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú [UVA]

davidavasconcelos7@gmail.com

Ermínio de Sousa Nascimento

Professor da Universidade Estadual Vale do Acaraú [UVA]

nascimento_erminio@uvanet.br

RESUMO:

O presente resumo considera o pensamento de Albert Camus (1913-1960), sobretudo em *O Mito de Sísifo*, com o objetivo de analisar o “*absurdo*” enquanto método de investigação para compreender o homem e suas múltiplas relações. A sua filosofia, na perspectiva de Pimenta (2018, p. 52), divide-se em três ciclos, a saber: o lirismo, o absurdo e a revolta. O lirismo refere-se ao ser humano em sua vida maquinal de harmonia com o cosmos que se depara com algo que leva à quebra do cotidiano, iniciando um conflito primeiramente no âmbito da sensibilidade, considerando que aprendemos a viver antes de pensar, entre homem e mundo. No segundo ciclo nos deparamos com o divórcio entre ser humano e cosmos, o homem agora se sente como um estrangeiro no mundo e busca analisar as possíveis saídas para o problema do absurdo. No terceiro ciclo do pensamento camusiano, encontra-se a *Revolta*, saída apontada pelo autor como aquela que aceita o absurdo e aquilo que o compõe, mas propõe enfrentá-lo livre de esperanças.

Vale salientar que, nesta pesquisa, busca-se apresentar brevemente elementos norteadores do pensamento camusiano para, em seguida, descrever a atividade realizada com estudantes do primeiro ano do ensino médio da E.E.M Professor Arruda, na cidade de Sobral, CE, no segundo semestre letivo de 2023. Na ocasião o pensamento do autor foi interpretado, pelos estudantes, usando como recurso didático, a elaboração de uma maquete, aqui denominada de “Labirinto Existencial”, enquanto atividade desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto de filosofia, 2022, da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), sob a supervisão do professor Aldiney do Monte Aguiar e coordenação do professor Dr. Fabrício Klain Cristofolletti.

O objetivo da maquete é proporcionar aos alunos uma experiência existencial através do conceito de absurdo de Camus, a partir da materialização metafórica de seu pensamento, por meio da reflexão e da brincadeira na construção da maquete em grupo. Após a leitura do livro, a ideia inicial surgiu de um primeiro projeto de maquete, baseado nas vivências dos pibidianos, que não estava bem adequada ao que queríamos proporcionar aos alunos.

Com isto, buscou-se articular o arcabouço teórico com vivências dos estudantes no seio da sociedade, convertendo experiências dos participantes em conteúdos para pensar com os conceitos analisados naquela obra do autor em análise. A partir de setembro de 2023, tal atividade foi recepcionada pelo projeto “Sebo Cultural Itinerante: o ensino de filosofia na sociedade tecnológica” para sistematizar o “Labirinto Existencial” em recurso didático para o ensino de filosofia em espaços diversos de formação cultural/filosófica.

Os fatos históricos são analisados considerando as vivências de cada época, identificando impactos nas vidas das pessoas e na sociedade em geral. Destaca-se o anseio dos homens que tiveram suas terras destruídas e suas vidas fragmentadas após a Segunda Guerra Mundial, como pano de fundo para Albert Camus.

É nesse contexto que o autor trata do suicídio em relação a uma humanidade que se encontra destituída de ilusões, para isso desenvolve um método denominado de o “absurdo”. Ele parte de que todo conhecimento verdadeiro é impossível, só se pode enumerar as aparências e apresentar o ambiente (CAMUS, 2022, p. 32), portanto ele não vai dizer que o mundo é indiferente ao homem, mas aparentemente indiferente. O que se confessa aqui, em termos de noção de verdade, é que talvez possa existir um sentido, mas ele nos escapa, não possuímos capacidade de encontrá-lo, portanto somos limitados, só se lida com o que nos são apresentados enquanto fenômeno.

No primeiro ciclo do pensamento camusiano encontramos um homem em harmonia com o cosmos. Existem promessas de felicidade que realizar-se-ão no futuro, nesse estágio raramente o ser humano questiona seu cotidiano, mas:

Um belo dia, surge o ‘por quê’ e tudo começa a entrar numa lassidão tingida de assombro. ‘Começa’, isto é importante. A lassidão está ao final dos atos de uma vida maquinal, mas inaugura ao mesmo tempo um movimento da consciência. Ela o desperta e provoca sua continuação. A continuação é um retorno inconsciente aos grilhões, ou é o despertar definitivo. Depois do despertar vem, com o tempo, a consequência: suicídio ou restabelecimento (CAMUS, 2022, 33).

Em um momento imprevisto, que é percebido pela sensibilidade, sentimento absurdo, e ulteriormente verificado pela razão, noção absurda, o tempo deixa de nos levar em nosso sono cotidiano, passamos a viver no futuro: “amanhã”, “com o tempo...”, caímos nele, ocupamos o nosso lugar no presente. Assim, constata-se essa incompatibilidade entre homem e cosmos que inaugura um movimento da consciência ao término da vida maquinal.

Após esse despertar da consciência, o mundo volta a ser o que é, sem seus cenários disfarçados pelo hábito, ocorre uma estranheza do homem com o mundo que marca o segundo ciclo do pensamento camusiano. A esse conflito Camus chama de absurdo:

O absurdo nasce desse confronto entre o apelo humano e o silêncio irracional do mundo. Isto é o que não devemos esquecer. A isto é que devemos nos apegar, porque toda a consequência de uma vida pode nascer daí. O irracional, a nostalgia humana e o absurdo que surge de seu encontro, eis os três personagens do drama que deve necessariamente acabar com toda a lógica de que uma existência é capaz (CAMUS, 2022, p. 53).

Portanto, é necessário: um ser humano com expectativas e desejos; um mundo aparentemente indiferente; e sem sentido e um conflito entre eles. O absurdo nasce de uma comparação entre um estado de fato (uma ação) e uma realidade (o mundo) que o supera. Logo, nesses termos nasce uma regra de método que não pode ser dividida, pois ao retirarmos parte daquilo que forma o absurdo, ele é destruído. Não há absurdo fora do espírito humano, então Camus analisa se o suicídio pode se deduzir dessa fórmula e se há como livrar-se dele.

Palavras-chave: Labirinto Existencial, *Absurdo*, Albert Camus.

Referências

CAMUS, Albert, **O mito de Sísifo**. Tradução de Ari Roitman; Paulina Watch. 26. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2022.

LINS, Rafael de Castro. Albert Camus: da angústia ao suicídio filosófico. **Ciências da Religião: história e sociedade**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 35-55, jan./jun. 2016.

PIMENTA, Danilo Rodrigues. O absurdo camusiano em O Mito de Sísifo. **Revista Jangada**, n. 12, jul/dez, 2018, p. 52-67. Disponível em: <https://www.revistajangada.ufv.br/Jangada/article/download/159/169>. Acesso em: 03/02/2024.